

**Ninguém Como Jesus**  
Uma trilogia

Copyright © Éber Magalhães Lenz César, 2016  
Todos os direitos desta edição reservados a  
Éber Magalhães Lenz César.

eberlenzcesar@gmail.com

Proibida a reprodução por quaisquer meios,  
salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da  
*Nova Versão Internacional (NVI)*, © 1993, 2000  
de Sociedade Bíblica do Brasil,  
salvo indicação em contrário.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Éber Magalhães Lenz César

QUESTÕES PARA O GUIA DE ESTUDO

Ana Carolina Cardoso

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Benjamim Sathler Lenz César

FOTOS

Orelha: Pércio Campos | Miolo: Éber Lenz César

REVISÃO

Vera Lúcia Magalhães de Araújo

IMPRESSÃO

Editora Sal da Terra

---

Magalhães Lenz César, Éber

Ninguém Morreu Como Jesus - Éber Magalhães Lenz  
César - Rio de Janeiro, Editora Sal da Terra, 2020.

000p. ; 21cm

ISBN:

Éber Magalhães Lenz César

Ninguém  
*morreu*  
como  
Jesus

Volume 3

1ª Edição  
Editora Sal da Terra  
Goiânia  
2020



# Índice

<b>Agradecimentos</b>	<b>9</b>
<b>Prefácio</b>	<b>11</b>
<b>Introdução</b>	<b>17</b>
<b>1 A caminho de Jerusalém</b>	<b>23</b>
(De acordo com os evangelhos sinóticos)	
Adeus, Galileia!	25
Subindo para Jerusalém	29
Alguns incidentes e ensinios pelo caminho	32
<b>2 A caminho de Jerusalém</b>	<b>39</b>
(De acordo com o evangelho de João)	
Jesus na Festa dos Tabernáculos	40
Jesus na Festa da Dedicção	46
A ressurreição de Lázaro	53
A caravana de Jesus	56

<b>3 Perto de Jerusalém</b>	<b>61</b>
Jesus em Jericó	62
A parábola das Dez Minas	66
Betânia e Betfagé	68
<b>4 Começa a semana da paixão</b>	<b>75</b>
A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém	77
O lamento sobre Jerusalém	80
A purificação do templo	83
A maldição da figueira	87
<b>5 Agrava-se a oposição</b>	<b>91</b>
Inquisição farisaica	92
Parábolas para líderes infrutíferos	94
O sermão escatológico	100
<b>6 Apresenta-se um traidor</b>	<b>103</b>
Judas, o traidor	104
Jesus sabia, mesmo assim...	109
Judas tinha opção... ou não?	111
<b>7 A última Páscoa</b>	<b>115</b>
A Páscoa tradicional	117
Providências necessárias	119
O ritual da Páscoa	120
Maior é o que serve	123
Uma lição de humildade e serviço	124
O desejo de Jesus, antes de sofrer	125
Nós ainda nos veremos...	127
Judas é desmascarado	128
Judas teria participado da instituição da Santa Ceia?	132

E quanto aos outros...	133
A instituição da Santa Ceia	135
A nova aliança	136
<b>8 Palavras de despedida (1)</b>	<b>141</b>
A glória da cruz	143
O novo mandamento	145
A casa do Pai	147
Ainda sobre o céu	151
Quando vamos estar com Cristo?	152
<b>9 Palavras de despedida (2)</b>	<b>155</b>
O outro Conselheiro.	156
A paz de Jesus	161
Outros ensinamentos	166
A oração sacerdotal	167
<b>10 Chegou a hora</b>	<b>171</b>
Hora de angústia e de oração	173
A prisão de Jesus	178
<b>11 O julgamento de Jesus</b>	<b>185</b>
O direito penal dos judeus	186
Audiência preliminar perante Anás	190
O julgamento perante o Sinédrio	191
Pedro nega a Jesus	195
O que Caifás não entendeu	197
Novo julgamento perante o Sinédrio	200
O julgamento perante Pilatos	203
O julgamento perante Herodes	210
Novo julgamento perante Pilatos	212

<b>12 A crucificação de Jesus</b>	<b>217</b>
A Via Dolorosa	220
Junto à cruz	224
As sete palavras de Jesus na cruz	226
Os milagres do Calvário	233
O sepultamento de Jesus	237
A guarda do sepulcro	241
<b>13 A ressurreição de Jesus</b>	<b>243</b>
O que dizem os quatro evangelhos	245
Teorias contrárias à ressurreição	257
A importância da ressurreição	261
<b>Conclusão</b>	<b>267</b>
<b>Guia de Estudo</b>	<b>273</b>
<b>Lista de referências</b>	<b>287</b>



# Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por seu amor infinito e perfeito manifesto principalmente na encarnação de seu Filho, Jesus Cristo, nosso Salvador e Senhor.

Agradeço ao próprio Jesus por seu sacrifício, levando a culpa dos nossos pecados, fazendo expiação por eles e reconciliando-nos com o Deus, nosso Pai Celestial.

Agradeço ao Espírito Santo porque, a despeito das minhas limitações, me conduziu e iluminou na realização deste projeto.

Agradeço à minha esposa, Márcia, por sua paciência e atenção sempre que a interrompi no trabalho ou descanso para ler um trecho ou um capítulo desta obra, buscando seus discernimentos e sugestões.

Agradeço ao amigo e pastor Paulo Borges Júnior por escrever o prefácio deste livro, a despeito de seus muitos compromissos e viagens.

Agradeço a Vera Portelli Magalhães, minha prima, professora de português, por sua revisão ortográfica, zelosa e carinhosa de mais este volume.

Agradeço ao filho Benjamim Sathler Lenz César, Pastor e Design, porque, mais uma vez, com o cuidado de sempre, elaborou a arte da capa e fez a editoração do texto.

Agradeço a Ana Carolina Cardoso, secretária da Editora Sal da Terra, por elaborar as questões para o Guia de Estudo, no final deste volume, e conduzir sua publicação.

Agradeço à Editora Sal da Terra por publicar este volume.

*O autor*

# Prefácio

A vida com Cristo é Caminho, é movimento, trajetória, deslocamento, aprendizado, transformação. Nessa caminhada, além do esforço, do empenho, da dedicação, é essencial a percepção, a observação, a sensibilidade e a disposição para discernir os processos e o propósito de tudo.

É muito comum nos atermos aos aspectos objetivos e, portanto, aparentes, óbvios dessa caminhada, e não darmos atenção devida ao caráter subjetivo e pedagógico da narrativa. Existe muita informação disponível sobre os acontecimentos que envolvem a vida de Jesus na Terra. Os registros da Sua vida quanto ao que Ele disse e ao que Ele fez, bem como de tudo o que envolveu seus dias no mundo, são inumeráveis. Não há como negar a utilidade e relevância de todo esse conteúdo disponibilizado. A pergunta é: Qual seria, então, o sentido, a necessidade e a relevância de produzirmos ou buscarmos mais informação nesse sentido?

Estou cada vez mais convencido de que o que sempre estive no coração de Deus, como Pai, ao enviar Seu Filho como encarnação plena da Sua Vontade, não era pautar um Quê ou um Como Bem Feito, estabelecendo as regras para garantir que

ao fim uma tarefa tenha sido concluída, uma meta alcançada, conforme regras e padrões bem definidos. Creio que Sua Vontade sempre foi, através da caminhada, gerar, formar um Quem Perfeito. Portanto, nunca foi a obra ou o serviço, mas sempre foi a pessoa.

Segundo a narrativa de Genesis 1, o Seu plano eterno é a Pessoa que expressa e materializa Suas Virtudes. Ele não arregimentou servos para concluir uma tarefa, mas gerou filhos em Cristo que fossem a expressão visível e encarnada da Sua Identidade e Natureza como Pai. Sua Vontade não estaria sendo cumprida, através dos Seus Filhos, no reconhecimento de Seus Atributos, mas na expressão das Suas Virtudes.

Nesse sentido, o valor de qualquer conteúdo a respeito da Pessoa de Cristo não está restrito ao seu apuro técnico, acadêmico ou histórico. O ambiente relacional em que esse conteúdo é identificado e registrado é parte essencial da sua propriedade, relevância e eficácia. É esse elemento relacional que garante que o Espírito de Cristo seja, também, transmitido e absorvido. Pois *“a letra mata, mas o Espírito vivifica”*.

Tenho o privilégio de ser testemunha próxima da disposição do nosso irmão Eber em seguir a Cristo pelo Caminho. A forma diligente e sensível com que se dedica em ter sua vida orientada na exclusividade do Senhorio de Cristo, na relação com a Sua Família – a Igreja. Portanto, o que temos aqui vai muito além de uma mera narrativa histórica, mas trata-se de uma obra de caráter espiritual. É o esforço de um filho de Deus que respondeu ao desafio de viver o evangelho na sua integridade. Que busca de forma diligente e zelosa encontrar

todos os meios ao seu alcance para tornar Cristo conhecido, fazendo isso com excelência. Portanto, o conteúdo dessa obra é pleno de “*substância*”. Não se trata de um simples registro dos acontecimentos. Não é um trabalho acadêmico de pesquisa, uma coletânea de acontecimentos. É o testemunho de alguém que foi impactado e transformado pela vida de Cristo.

Creio que, por inspiração de Deus a trilogia foi titulada “*Ninguém como Jesus*”. Bem a propósito, pois se trata da formação da Pessoa no exercício da Sua Vocação. Seu nascimento, Sua vida e Sua oferta espontânea na Cruz. A criança que foi crescendo diante de nós, em estatura, sabedoria e graça, até se tornar Homem Perfeito, a Perfeita Imagem do Pai, conforme o Seu propósito original. Mesmo sendo Filho aprendeu a obediência naquilo que sofreu. Revelou em perfeita imagem a semelhança do Pai, dando materialidade às Suas virtudes ocultas até então.

Na medida em que esse texto nos ajuda e estimula a seguir Jesus pelo Seu Caminho de Vida, único em sua natureza, ele também nos inspira a ser como Ele; cumprindo a nossa vocação como filhos do mesmo Pai.

Plenos de Longanimidade e Perseverança. Longanimidade para que, com misericórdia e graça, possamos enfrentar sem amargura a resistência daqueles que se nos opõem. Perseverança para seguirmos sempre firmes no cumprimento da nossa predestinação como filhos de Deus, seguros de que nada nem ninguém poderá comprometer ou impedir o cumprimento dos Seus desígnios eternos. De tal modo que, estamos certos de que, no exercício da nossa vocação,

poderemos encontrar alguma resistência ou dificuldade, mas jamais encontraremos impedimentos.

Tenho o privilégio de ser um dos tantos que testemunharam isso através da vida do Pastor Eber. Daí a relevância dessa obra. A trajetória de Cristo desde o Seu nascimento até o pleno cumprimento da Sua Vocação narrada de forma inspirativa por alguém que percorreu esse Caminho, guardando o seu coração livre de qualquer raiz de amargura, sempre se esforçando pela paz com os homens.

Na descrição das características do homem bem-aventurado está que ele é um pacificador, e que essa característica é que melhor o identifica como Filho de Deus. Portanto, creio que um dos frutos dessa obra na vida do leitor será poder comungar dessa Paz. Ter o entendimento transformado pelo conhecimento e perspectiva de quem já somos em Cristo, sendo totalmente libertos das expectativas do que pretendemos ser ou gostaríamos de ser. Só há um “*alguém*” quando esse alguém é “*em Cristo, como Cristo e para Cristo*”. Qualquer esforço fora de Cristo resultará em um “*ninguém*”.

Tendo recebido a honra de prefaciar essa parte da narrativa da Caminhada de Cristo, quero despertar a atenção do leitor para esse aspecto subjetivo dessa obra. Que cada um possa encontrar paz na sua caminhada como Filho de Deus. A mesma paz que guardou o coração de Jesus fazendo Dele o Cristo, Filho de Deus. Que tem guardado o coração do nosso irmão Eber, e que está traduzida e revelada na forma lúcida e serena com que ele testemunha a vida de Cristo. E que, também guardará nossas mentes e corações como Corpo Vivo de Cristo.

Que sejamos todos inspirados à plena obediência e disposição, lembrando que Deus não tem prazer nos que retrocedem. Certos de que em tudo e todos os dias somos atribulados e entregues à morte, mas não desanimamos. Aqueles que vencem, vencem pelo Sangue do Cordeiro, pela Palavra do Seu Testemunho e porque não temem a morte quando estão diante dela. Ele venceu porque, em Paz, seguiu sabendo que Seu destino era vencer a morte e não ser poupado dela. Seguiu para a cruz seguro de que Aquele que o destinou para o sacrifício era poderoso para ressuscitá-lo de entre os mortos.

Jesus assumiu a Sua Cruz para ser Cristo em favor de Seus irmãos. Ele, então, nos exorta para que façamos o mesmo, assumindo cada dia a nossa própria cruz em favor dos nossos irmãos, para que as virtudes de Deus se revelem através de nós. Conscientes de que, se nossa esperança em Cristo se resume apenas a essa vida, então somos um “ninguém” subsistindo na falsa expectativa de ser “alguém”. Se Cristo morreu e ressuscitou é certo que: se morremos com/como Cristo, também ressuscitamos com/como Cristo. Afinal, conforme revela o apóstolo Paulo, na sua carta aos Colossenses: É Cristo em nós, a Esperança da Glória!

*Pr. Paulo Borges Júnior*





# Introdução

Se desde o começo do primeiro volume dessa trilogia venho dizendo que não há NINGUÉM COMO JESUS, agora muito mais. Essas reflexões sobre suas últimas semanas, suas palavras de despedida, seu amor sacrificial, sua morte expiatória e ressurreição gloriosa me impactaram de uma maneira nova, intensa e transformadora, a despeito de conhecer as histórias desde a infância. NINGUÉM COMO JESUS não é apenas um título, uma afirmação óbvia, que exalta Jesus como uma pessoa melhor ou mais famosa que outras da história, um mestre mais sábio, um místico mais notável. É uma declaração de fé, de amor, de adoração.

Em minhas conversas e pregações públicas tenho testemunhado o quanto Jesus Cristo tem sido importante para mim. Nasci num lar cristão, de pastores, e fui criado, como se diz, com a Bíblia na mão, e muita oração. Neste sentido, minha experiência foi como a do jovem Timóteo, amigo e companheiro do apóstolo Paulo, e a quem este escreveu: “[...] desde criança você conhece as Sagradas Letras que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Jesus Cristo” (II Timóteo 3.14-15). Não sei dizer a que altura da vida tive clara

consciência da mensagem do evangelho, de minha relação pessoal com Cristo e de minha salvação. Porém, aos treze anos, eu disse ao meu pai, pastor, e aos líderes da igreja, que eu queria dar um testemunho público de minha fé e receber o batismo, o que de fato fiz. Experimentei mudanças e crescimento espiritual em vários momentos, na adolescência, na juventude e na vida adulta, incluindo relações familiares e pastorado. Há porém os que aprendem as Sagradas Letras e creem em Cristo como seu Salvador e Senhor somente quando jovens ou adultos. Estes vivenciam uma mudança inicial mais perceptível, às vezes dramática. Em todos os casos, de um modo ou de outro, ocorre o que Jesus chamou de “*novo nascimento*”, e os apóstolos descreveram como “*regeneração*”, “*conversão*” e até mesmo como um “*passar da morte para a vida*”<sup>1</sup>. Essa experiência é transformadora e é obra do Espírito Santo, também chamado Espírito de Cristo.

Um judeu chamado Nicodemos, homem bom, religioso, mestre honrado, que ensinava as Escrituras Sagradas nas sinagogas judaicas, foi conversar com Jesus. Ele sabia um pouco acerca desse seu Colega, e o admirava. Foi logo dizendo: “*Mestre, sabemos que ensinas da parte de Deus, pois ninguém pode realizar os sinais milagrosos que estais fazendo, se Deus não estiver com ele*”. Entretanto, Jesus o fez ver que, no campo espiritual, saber e acreditar não basta, não muda a cosmovisão e o coração de ninguém. Jesus foi direto ao ponto

---

1 Novo nascimento - João 3.3,5; regeneração - I Pedro 1.23; conversão - Mateus 18.3; I Pedro 2.25; passar da morte para a vida - João 5.24; I João 3.14.

e disse a Nicodemos: *“Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo”*. Embora culto e religioso, o homem não entendeu. Perguntou: *“Como alguém pode nascer, sendo velho? É claro que não pode entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e renascer”*. Paciente, Jesus repetiu o que já havia dito, mas acrescentando palavras esclarecedoras: *“Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito [...]”* (João 3.1-5). O Mestre Jesus usou imagens das Escrituras que Nicodemos podia entender, pois era professor de Velho Testamento. Os termos *“água”* e *“Espírito”* aparecem juntos em algumas profecias ali preservadas. Em Isaías 44.3, por exemplo, Deus promete: *“Derramarei água para matar sua sede e regar seus campos secos. Derramarei meu Espírito sobre seus descendentes, e minha bênção sobre suas futuras gerações [...]”*<sup>2</sup>. A referência é à descendência de Jacó, neto de Abraão, que veio a ser Israel, o povo de Deus. *“Água”*, *“sede”* e *“campos secos”* são metáforas. Deus está falando de gente, de vidas secas, de sede espiritual. O Espírito seria derramado sobre este povo como chuva no deserto, não indiscriminadamente, mas sobre os que cressem em Jesus<sup>3</sup>. Resultado? *“Eles crescerão como capim regado, como salgueiros à beira do rio”*. Hoje mesmo, caminhando à volta de minha residência, aqui em Brasília, reparei como o cenário marrom de relva seca já está verde e lindo. Choveu forte na semana passada. É assim o *“novo nascimento”*, o nascimento *“da água e do Espírito”*. Sem isto, a vida não viceja, não floresce, não frutifica, não tem

---

2 Na Nova Versão Transformadora (NVT).

3 Ver João 9.38-39.

beleza. E sem isto, ninguém vê ou vivencia o Reino de Deus, ninguém se salva!

Enquanto aqui esteve, Jesus renovou e transformou centenas, senão milhares de pessoas. Seu exemplo de vida, seu amor, seus ensinamentos, seus milagres e, sobretudo, sua morte expiatória e ressurreição gloriosa foram como água derramada abundantemente sobre vidas secas e infrutíferas. Missão cumprida, ele se despediu dos seus discípulos e lhes prometeu um outro Ajudador, o Espírito Santo. Quando aconteceu, de modo inequívoco, inclusive com sinais externos e miraculosos, os que passavam quiseram saber o que era aquilo. Pedro, cheio do Espírito, explicou: *“Isto é o que foi predito pelo profeta Joel: ‘Nos últimos dias derramarei do meu Espírito sobre todos os povos [...]’*”. Mais à frente, falou da morte, da ressurreição e da exaltação de Cristo. E fez o apelo: *“Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo”*. Foi um derramar tão abundante que cerca de três mil ouvintes nasceram de novo, e foram batizados, simbolicamente batizados com água e efetivamente batizados com o Espírito (Atos 2).

Então é isso aí. Essa trilogia é sobre Jesus. Esse terceiro e último volume é sobre sua jornada final, rumo a Jerusalém, para uma última Páscoa com seus discípulos mais próximos e para sua Paixão, ou seja, sua prisão, seu julgamento, sua crucificação e sua ressurreição. A certa altura, comentarei também suas palavras de despedida, inclusive a promessa do Espírito Santo. Esses relatos, postos sob a luz do Espírito, amolecem e vicejam corações ressecados e endurecidos...

Se o prezado leitor já vivenciou esta experiência, já nasceu de novo, louvado seja Deus! Que esta leitura aumente ainda mais seu amor a Jesus, e lhe proporcione um derramar do Espírito, ou seja, uma renovação espiritual. Até porque, conquanto o Espírito Santo já esteja nos que creem, o Senhor quer que sejam “*cheios do Espírito*” (Efésios 5.18)<sup>4</sup>. E se você, amigo leitor, ainda não se arrependeu sinceramente de seus pecados, se não sabe com certeza se já foi perdoado e salvo, se não “*nasceu de novo*”, peço a Deus que use esta obra para sensibilizar seu coração, encharcá-lo com os ensinamentos de Jesus, quebrantá-lo com os relatos de sua crucificação, e enchê-lo de alegria e esperança com a maior de todas as notícias: Jesus morreu por nossos pecados, Jesus ressuscitou dentre os mortos! Jesus vive! Jesus nos ama!

---

4 Sobre a habitação permanente do Espírito no crente, desde sua conversão a Cristo, veja Romanos 8.9; I Coríntios 6.19; Efésios 1.13-14.



# 1

## A caminho de Jerusalém

(De acordo com os  
evangelhos sinóticos)

Um dos momentos mais tensos e difíceis da minha vida foi a noite anterior à minha partida para a África do Sul com minha esposa, uma filha de seis anos e um filho bebê com menos de um ano de vida. Eu tinha um convite para realizar um trabalho missionário com imigrantes portugueses e refugiados das guerras de Moçambique e Angola, naquele país. Tínhamos orado e observado os sinais diretivos de Deus; estávamos convictos de sua vontade e gratos pelo privilégio. Entretanto, o cansaço, as despedidas dos familiares e da igreja que eu pastoreava e amava, a responsabilidade com a família e o desafio à frente mexeram com o meu emocional e as minhas certezas. Em meio à crise daquela noite, reconsiderando os passos dados até então, eu e minha esposa nos firmamos em Deus, conscientes de uma coisa: Já estávamos a caminho! Não

tinha volta! Diríamos depois: Ainda bem! Deus graciosamente nos usou na África, abençoou e salvou muitos portugueses por nosso intermédio. Não foi fácil. Pagamos um preço. Mas qual serviço no Reino de Deus não exige renúncias e sacrifícios? Os resultados compensam acima de todas as expectativas<sup>5</sup>.

Mais provavelmente, o leitor já tomou decisões importantes, irreversíveis; já entrou por caminhos sem volta. Se foi dirigido por Deus na escolha tanto do caminho quanto do momento, chegou ao lugar da bênção, dos resultados que compensam todo e qualquer sacrifício. Então, juntos podemos pelo menos imaginar, ainda que muito limitadamente, a experiência de Jesus ao pôr-se a caminho de Jerusalém... pela última vez. Ele sabia muito bem que ali os líderes religiosos judeus queriam matá-lo; ele seria maltratado, julgado, preso, condenado e crucificado. Mas estava decidido a encarar! Não voltaria atrás! Sabia também que sua paixão, morte e ressurreição tinham sido planejadas pelo Pai e seriam o clímax de todo o seu ministério, a razão maior e final de sua vinda ao mundo. Como está escrito: “[...] veio para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20.28).

---

5 Nosso ministério na África do Sul e no Brasil, testemunhos de conversões e curiosidades estão narrados e ilustrados com fotos no meu livro *Vida de Pastor, Lembranças de uma Jornada*, 2014. (Pedidos a eberlenzcesar@gmail.com).



# Adeus, Galileia!

Os relatos evangélicos não nos permitem traçar a rota exata e definir a cronologia desta viagem final de Jesus a Jerusalém. Mas isto não é importante. Não foi do interesse dos evangelistas. Inspirados pelo Espírito Santo, eles relataram o que de mais importante Jesus fez e ensinou nesse período. Mencionaram, sim, algumas aldeias e regiões, mas sem muita preocupação geográfica e cronológica. O significado foi seu interesse maior. A própria expressão “*a caminho de Jerusalém*” ou “*subindo para Jerusalém*” ganhou importância teológica e devocional, mais que geográfica.

A propósito, alguns intérpretes têm tentado harmonizar os quatro evangelhos e resolver as diferenças entre eles, aparentes contradições. Entretanto, muitas destas diferenças são irreconciliáveis. Não são contradições; são relatos diferentes, perspectivas diferentes, estilos, interesses e ênfases diferentes, visando leitores diferentes. Isto não reduz em nada a credibilidade dos escritos originais; pelo contrário, indicam que seus



autores não combinaram entre si o que escrever, não forjaram suas histórias. Mais sobre isto será dito à frente<sup>6</sup>.

Os quatro evangelhos relatam tanto a partida de Jesus da Galileia, rumo à Judeia e a Jerusalém, quanto a sua chegada à capital, em tempo para a sua última Páscoa, a de sua paixão e morte<sup>7</sup>. Entretanto, a extensão e o conteúdo dos relatos do que Jesus fez e ensinou durante essa viagem variam de evangelho para evangelho. Marcos, o evangelho mais curto e o primeiro a ser escrito, resume tudo em um só capítulo (10.1-52); Mateus

---

6 Os céticos apegam-se às aparentes contradições dos evangelhos e tentam desacreditá-los. Entretanto, há argumentos decisivos, lógicos e científicos que comprovam a autenticidade dos escritos evangélicos (e da Bíblia como um todo). Mais recentemente, os eruditos Norman Geisler e Frank Turek escreveram um livro muito esclarecedor intitulado: Não tenho fé suficiente para ser ateu (Ed. Vida, São Paulo, 2006). No capítulo 11, os autores listam e comentam as dez principais razões pelas quais sabemos que os autores do Novo Testamento disseram a Verdade. A sétima é exatamente esta: “Os autores do Novo Testamento incluíram detalhes divergentes”. Transcrevo um trecho do seu comentário: “Os críticos são rápidos em citar os relatos aparentemente contraditórios dos evangelhos como uma evidência de que não são dignos de confiança [...]. Mateus diz, por exemplo, que havia um anjo no túmulo de Jesus, enquanto João menciona a presença de dois anjos [...]. Mas por que Mateus menciona apenas um anjo, se realmente havia dois ali? Pela mesma razão que dois repórteres de diferentes jornais cobrindo um mesmo fato optam por incluir detalhes diferentes em suas histórias. Duas testemunhas oculares independentes raramente veem todos os mesmos detalhes e descrevem um fato exatamente com as mesmas palavras. Eles vão registrar o mesmo fato principal [...], mas podem diferir nos detalhes. De fato quando um juiz ouve duas testemunhas que dão testemunho idêntico, palavra por palavra, o que corretamente presume? Conluio - as testemunhas encontraram-se antecipadamente para que suas versões do fato concordassem.” (ps. 291-293).

7 Partida da Galileia: Mateus 19.1; Marcos 10.1; Lucas 9.51; João 7.1-10. Chegada em Jerusalém para a Páscoa e Semana da Paixão: Mateus 21.1; Marcos 11.1; Lucas 19.29; João 12.12.

segue de perto a narrativa de Marcos, acrescentando a parábola dos Trabalhadores na Vinha (19.1-20.16); Lucas se estende por dez capítulos (9.51-19.28) e acrescenta vários acontecimentos e ensinamentos de Jesus no período, mas sem se importar com a sequência cronológica. João relata outras duas visitas de Jesus a Jerusalém, talvez nessa mesma época (7.1-12.11). De acordo com João, Jesus partiu da Galileia rumo a Jerusalém, primeiro para participar da Festa dos Tabernáculos, que acontecia em outubro; depois, para celebrar a Festa da Dedicção, em dezembro; e, por fim, para a sua última Páscoa, em abril do ano seguinte. Deste modo, ficamos sabendo que Jesus esteve “a caminho de Jerusalém” e da cruz por cerca de seis meses (de outubro a abril). Obviamente, a viagem não foi direta, pelo caminho mais curto e rápido; incluiu paradas, voltas, idas e vindas. Por todo esse tempo, mesmo sabendo o que o aguardava, Jesus não deixou de amar e servir, ensinando tanto aos Doze como às multidões. Diz-se que este foi o seu Ministério na Judeia e na Pereia. Veja os textos:

- *“Jesus saiu da Galileia e foi para a região da Judeia, no outro lado do Jordão. Grandes multidões o seguiam, e ele as curou ali [...]”* (Mateus 19.1-2).
- *“Então Jesus saiu dali e foi para a região da Judeia e para o outro lado do Jordão. Novamente uma multidão veio a ele e, segundo o seu costume, ele as ensinava [...]”* (Marcos 10.1).
- *“Aproximado-se o tempo em que seria elevado aos céus, Jesus partiu resolutamente em direção a Jerusalém*

*[...]. Depois Jesus foi pelas cidades e povoados e ensinava, prossequindo em direção a Jerusalém [...]*  
(Lucas 9.51 e 13.22).

- João relata uma intromissão dos irmãos de Jesus, tentando forçá-lo a partir para Jerusalém em tempo de participar da Festa dos Tabernáculos e realizar ali os milagres que estava realizando na Galileia. Jesus pôs-se a caminho, sim, mas somente quando entendeu que esta era a vontade do Pai. *“Depois que seus irmãos subiram para a festa, ele também subiu [...]*” (João 10.40).

De acordo com os manuscritos mais antigos, e a bem da correta geografia da região, no texto de Mateus falta um “e” ou as palavras “e para”. Com essa correção, o texto fica como o de Marcos: Jesus foi *“para a região da Judeia e para o outro lado do Jordão”*, que, na época, era a Pereia (hoje é a Transjordânia). Por alguma razão, o nome Pereia nunca é mencionado no Novo Testamento, mas é o distrito diversas vezes referido como *“o outro lado do Jordão”*<sup>8</sup>.

O texto de Lucas (9.51) é particularmente significativo, porque diz que *“Jesus partiu resolutamente em direção a Jerusalém”*. A versão Revista e Atualizada desta passagem diz que Jesus *“manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém”*. Na Bíblia A Mensagem, traduzida por

---

8 Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século (37 ou 38 d.C. – 100 d.C.) refere-se a esta região usando o nome Pereia. No tempo de Jesus, esse território, de 16 km de extensão norte-sul, era ocupado principalmente pelos judeus e governado por Herodes Antipas.

Eugene Peterson, lemos: “*Numa atitude corajosa, Jesus decidiu ir para Jerusalém [...]*”. Estava decidido e cheio de coragem!

## Subindo para Jerusalém

É importante notar, também, como os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), a partir deste ponto, usam a expressão “*subindo para Jerusalém*”. Ora são os evangelistas que assim se referem a essa jornada de Jesus; ora é o próprio



Moderna estrada que sobe de Jericó para Jerusalém. Jesus iniciou a Parábola do Bom Samaritano dizendo: “*Um homem descia de Jerusalém para Jericó [...]*” (Lucas 10.30).

Jesus quem o diz, quase sempre em conexão com um anúncio de sua paixão, morte e ressurreição:

- “Enquanto estava **subindo para Jerusalém**, Jesus chamou em particular os doze discípulos e lhes disse: ‘Estamos **subindo para Jerusalém**, e o Filho do homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios, para que zombem dele, o açoitem e o crucifiquem. No terceiro dia ele ressuscitará!’” (Mateus 20.17-19).
- “Eles estavam **subindo para Jerusalém**, e Jesus ia na frente. Os discípulos estavam admirados, enquanto os que o seguiam estavam com medo. Novamente ele chamou à parte os Doze e lhes disse o que lhe haveria de acontecer: ‘Estamos **subindo para Jerusalém** e o Filho do homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios, que zombarão dele, cuspirão nele, o açoitarão e o matarão. Três dias depois ele ressuscitará’” (Marcos 10.32-34).
- “Jesus chamou à parte os Doze e lhes disse: ‘Estamos **subindo para Jerusalém**, e tudo o que está escrito pelos profetas acerca do Filho do homem se cumprirá. Ele será entregue aos gentios que zombarão dele, o insultarão, cuspirão nele, o açoitarão e o matarão. No terceiro dia ele ressuscitará [...]’” (Lucas 18.31-33).

De qualquer parte da Palestina, a viagem para Jerusalém envolve uma subida, pois esta cidade fica nas montanhas centrais, numa altitude de aproximadamente 800m. Sabe-se que o último trecho dessa última viagem de Jesus foi de Jericó a Jerusalém, uma distância de 24km, com um desnível de quase 1000m. Jericó, a leste, perto do Mar Morto, está a 270m abaixo do nível do Mediterrâneo e dos oceanos.

Entretanto, muito mais difícil que a trilha íngreme e sinuosa de Jericó a Jerusalém seria a subida de Jesus ao Calvário, o monte da Caveira, fora dos muros de Jerusalém. E como se não bastasse, ele ainda seria posto no alto de uma cruz! Se em cada lugar, “*subindo para Jerusalém*”, ele atraiu e salvou multidões, muito mais quando no Calvário e na cruz! De fato, ele disse: “*Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim*” (João 12.32). Tanto nas estradas por onde passou como no Calvário, e ainda hoje, em qualquer lugar, seu caráter, seus ensinamentos, sua coragem, seu amor e, sobretudo, sua salvação tiveram e têm um poder de atração sem igual! NINGUÉM COMO JESUS para atrair pecadores, amá-los, ensinar-lhes, curá-los, transformá-los!

## Alguns incidentes e ensinamentos pelo caminho

Na divisa da Galileia com Samaria, Jesus ouviu o sofrido clamor de dez leprosos. Por estranho que pareça, um deles era samaritano! Seus companheiros de infortúnio eram judeus! Ora, sabemos que os samaritanos não se davam com os judeus e vice-versa. Entretanto, a desgraça comum muitas vezes une até os maiores inimigos. Sem fazer nenhuma distinção entre eles, Jesus, compassivo, os atendeu. Mas não os curou de imediato. Submeteu-os à prova da fé e da obediência. Antes de curá-los, disse-lhes: *“Vão mostrar-se aos sacerdotes”*. Era o procedimento legal quando leprosos eram curados: O sacerdote os examinava para ver se estavam mesmo curados<sup>9</sup>. Ainda sem qualquer evidência de cura, aqueles leprosos obedeceram. A certa altura, andando e confiando, notaram que as manchas de sua pele tinham desaparecido, os dedos das mãos e dos pés estavam sãos! Imagino que, então, gritando aleluias, eles jogaram fora suas ataduras e começaram a correr, exultantes. Porém, *“Um deles, quando viu que estava curado, voltou, louvando a Deus em alta voz. Prostrou-se aos pés de Jesus e lhe agradeceu. Este era samaritano”*. (Ponto para os samaritanos; exemplo para os judeus!). Jesus comentou: *“Não foram purificados todos os dez? Onde estão os outros nove?”* (Lucas 17.11-19). Essa história tem sido usada amplamente em

---

9 Levítico 13 e 14. Ver um outro exemplo em Mateus 8.1-4.



mensagens sobre o poder curador de Jesus e também para ensinar gratidão. Com base nesse exemplo, a porcentagem de gente agradecida é de apenas 10%! Estamos entre estes?

Prosseguindo viagem, Jesus *“enviou mensageiros à sua frente [...] para lhe fazer os preparativos [arranjar-lhes hospedagem na Samaria]; mas o povo dali não o recebeu porque se notava que ele se dirigia para Jerusalém”*. Numa cultura onde a hospitalidade era uma constante, como indicam inúmeras passagens bíblicas, aqueles samaritanos foram muito mal educados. Indignados, os discípulos Tiago e João (justamente os chamados *“filhos do trovão”*<sup>10</sup>) quiseram usar o poder da oração para dar o troco: *“Senhor, queres que façamos cair fogo do céu para destruí-los?”* Quando iriam aprender? Quando se tornariam filhos do perdão? Jesus os corrigiu e seguiu com eles para outro povoado (Lucas 9.52-56).

O *“outro povoado”* pode ter sido fora da Samaria. Alguns intérpretes supõem que foi nesse ponto que Jesus passou para *“o outro lado do Jordão”* e começou o seu Ministério na Pereia. Marcos registrou que ali *“novamente uma multidão veio a ele e, segundo o seu costume, ele as ensinava”*. Mateus diz que ele *“as curou”* (Marcos 10.1; Mateus 19.1)<sup>11</sup>.

---

10 Marcos 3.17.

11 *“O outro lado do Jordão”*, onde ficavam Decápolis e Pereia, era a rota comum dos judeus quando viajavam da Galileia, ao norte, para a Judeia, ao sul, e vice-versa. Inimigos dos samaritanos, evitavam passar por Samaria, no centro. Jesus, como vimos, passava por Samaria. Nessa viagem, devido ao ocorrido, ele atravessou o Jordão, na altura de Samaria, e pegou a rota comum dos judeus, na Pereia.

As coisas iam tão bem... Tanta gente... Tanto interesse... Ensino precioso, poder incomum... Mas os fariseus tinham de aparecer. O verso seguinte, tanto em Mateus como em Marcos, diz que *“alguns fariseus aproximaram-se dele para pô-lo à prova [...]”* (Marcos 10.1ss; Mateus 19.1ss). Era o que sempre faziam, daí para pior! Porém, Jesus transformava estes incidentes desagradáveis em oportunidades para ministrar seus ensinos. Não seria diferente, desta vez. Os fariseus lhe perguntaram: *“É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher?”* (Marcos 10.1-12). A versão de Mateus leva em conta a delicada controvérsia existente entre os judeus, na época: *“É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher **por qualquer motivo?**”* (Mateus 19.3). Hillel e Shammai, os dois mestres fariseus mais famosos, que viveram um pouco antes de Jesus, tinham adotado posições diferentes sobre o assunto. Shammai sustentava que um marido só poderia divorciar-se de sua esposa se esta cometesse adultério; Hillel admitia o divórcio *“por qualquer motivo”*, incluindo coisas tão simples como queimar a comida, falar com outros homens na rua etc<sup>12</sup>.

Vou parafrasear e resumir a explicação de Jesus: *“Moisés admitiu o divórcio somente por causa da dureza do coração de vocês; quando vocês praticam imoralidade, são egoístas e não amam de verdade, a relação se complica... Não foi o que Deus planejou, no início. Como vocês sabem, no Gênesis está escrito: ‘O homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e*

---

12 Hillel faleceu no ano 10 d.C., portanto, sendo Jesus um adolescente. Seu neto mais famoso foi o fariseu Gamaliel, mestre membro do Sinédrio Judaico e *“respeitado por todo o povo”* (Atos 5. 34-40). Saulo de Tarso (Apóstolo Paulo) foi *“instruído aos pés de Gamaliel”* (Atos 22.3).

*os dois se tornarão uma só carne'. Assim, eles já não são dois, propriamente, mas uma só pessoa [ainda que com suas individualidades]. Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe"* (Marcos 10.2-9). É verdade que, no Sermão do Monte, Jesus admitiu o divórcio, mas somente no caso de *"imoralidade sexual"* ou adultério (Mateus 5.31-32). Do seu ponto de vista (e na Bíblia como um todo), uma relação sexual é uma experiência tão íntima, tão marcante e tão comprometedora que, por assim dizer, casa ou torna *"uma só carne"* os envolvidos, prejudicando seriamente a união anterior, se houver.

Sim, Moisés e Jesus admitiram o divórcio, no caso citado, mas não o recomendaram. Noutras oportunidades, tanto Jesus como os apóstolos exaltaram as virtudes que podem evitar conflitos, imoralidade sexual e divórcio: amor, compreensão, fidelidade, sinceridade, perdão, confiança, altruísmo... Mesmo no caso de adultério consumado, o faltoso ainda pode arrepender-se, corrigir-se e contar com o perdão de Deus e do cônjuge; o traído tem a opção de perdoar e acolher. Na prática, não será nada fácil, mas será preferível à culpa, ao ressentimento e ao divórcio, com todas as suas consequências altamente danosas! Basta lembrar o trato que Jesus deu à mulher adúltera que os mesmos fariseus arrastaram à sua presença (João 8.3-11). Não antecipando muito os capítulos finais deste livro, lembro que Jesus pôs-se a *"caminho de Jerusalém"* e aceitou a cruz justamente para possibilitar a graça do perdão e a bênção da salvação! Salvação inclusive do matrimônio! Portanto, como escreveu o apóstolo Paulo, anos mais tarde: *"Livrem-se de toda amargura, indignação e ira [...]. Sejam bondosos e compassivos*

*uns para com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo” (Efésios 4.32).*

Como pastor, aconselhei muitos casais em suas crises, inclusive situações mais graves resultantes de adultério. Sempre foi muito gratificante acompanhar mudanças de comportamento, perdão e reconciliação; por outro lado, sempre foi muito frustrante e triste constatar resistência, insensatez e, por fim, divórcio, às vezes *“por qualquer motivo”*. Na maioria dos casos, a reconciliação era possível e seguramente a coisa certa a se fazer. Entretanto, essa bênção somente é possível quando os dois a desejam, clamam pela ajuda do Senhor e se esforçam, se corrigem, se amam, se perdoam. Em caso de adultério, o processo é extremamente mais difícil, não impossível. O cônjuge infiel precisa arrepender-se sinceramente e deixar o pecado, deixar mesmo; o outro, ainda que com dificuldade (e não é para menos), precisa trabalhar o próprio coração, considerar o quanto o Senhor já o(a) perdoou, e perdoar também, perdoar mesmo. Uma vez reconduzi de volta ao lar (literalmente) um amigo que havia adulterado. Obviamente, eu o fiz com a concordância de sua esposa. No percurso, ele me disse: *“Não desejo para ninguém essa experiência!”* O casal reconciliou-se, mas, por pouco tempo. Lamentavelmente, não corrigiram atitudes e procedimentos que vinham solapando o amor, o prazer, a confiança. O marido saiu de casa, voltou para a amante e constituiu outra família. Anos mais tarde, aquela senhora me disse: *“Se eu soubesse que seria assim, tão sofrido, eu teria feito mais para evitar...”* Concluo essa parte admitindo que há casos e casos. Se a relação é complexa e sofrida, se um

dos cônjuges não tem o temor de Deus, não ama o Senhor (nem o cônjuge), não reconhece, não muda, o outro não está obrigado a viver uma vida de sofrimento... Deus é Pai amoroso e perdoador, e tem o controle da vida de seus filhos! Conheço alguns casos em que o cônjuge traído ou deixado vivenciou a bênção de Deus num segundo casamento.

Mas vamos voltar à história, à jornada de Jesus a caminho de Jerusalém. Ainda na Pereia, e de um outro modo, ele mostrou o quanto considerava e amava a família, no caso, as criancinhas. *“Alguns trouxeram crianças a Jesus, para que lhes impusesse as mãos e orasse por elas. Mas os discípulos os repreendiam [...]”* Não sabemos se foi numa hora em que Jesus descansava ou se foi durante uma de suas pregações. Os discípulos, talvez bem intencionados, mas insensíveis e impacientes, tentaram impedir a interrupção. Jesus viu isso, ficou indignado e lhes disse: *“Deixem vir a mim as crianças; não as impeçam [...]”*. *Em seguida, tomou as crianças nos braços, impôs-lhes as mãos e as abençoou”* (Mateus 19.13-15; Marcos 10.13-16).

Lucas relata que, em algum momento, Jesus, ainda no início deste seu Ministério na Pereia e na Judeia, designou setenta e dois discípulos e os enviou de dois em dois *“adiante dele, a todas as cidades e lugares para onde ele estava prestes a ir”*. Como tinha tudo planejado, mesmo quando a caminho de Jerusalém... para morrer! Antes de enviar os Setenta, deu-lhes instruções semelhantes às que havia dado aos Doze quando os enviou por toda a Galileia. Repetiu-lhes também esta recomendação: *“A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Portanto, peçam ao Senhor da colheita que*

*mande trabalhadores para a sua colheita. Vão! Eu os estou enviando como cordeiros entre lobos [...]”.* Sabia bem do que estava falando! (Lucas 10.1ss).

Eu gostaria muito de prosseguir com estas reflexões sobre os acontecimentos e os maravilhosos ensinamentos de Jesus, enquanto “*a caminho de Jerusalém*” ou “*subindo para Jerusalém*”, conforme relatam os evangelhos sinóticos. Mas isto alongaria por demais este capítulo. Recomendo a leitura cuidadosa das passagens dos sinóticos relativas a este período da vida e do ministério de Jesus<sup>13</sup>. No próximo capítulo, veremos o que o evangelho de João diz a respeito. No final do capítulo, voltarei aos sinóticos para ver o que dizem sobre a passagem de Jesus por Jericó, última estação antes de Betânia e Jerusalém.

---

13 Mateus 19.1-20.34; Marcos 10.1-52; Lucas 9.51-19.27.